

A portrait of Will Durant, a man with dark hair and a mustache, wearing a dark suit and a white shirt with a dark tie. The portrait is rendered in a painterly style with visible brushstrokes. The background is a light, textured color.

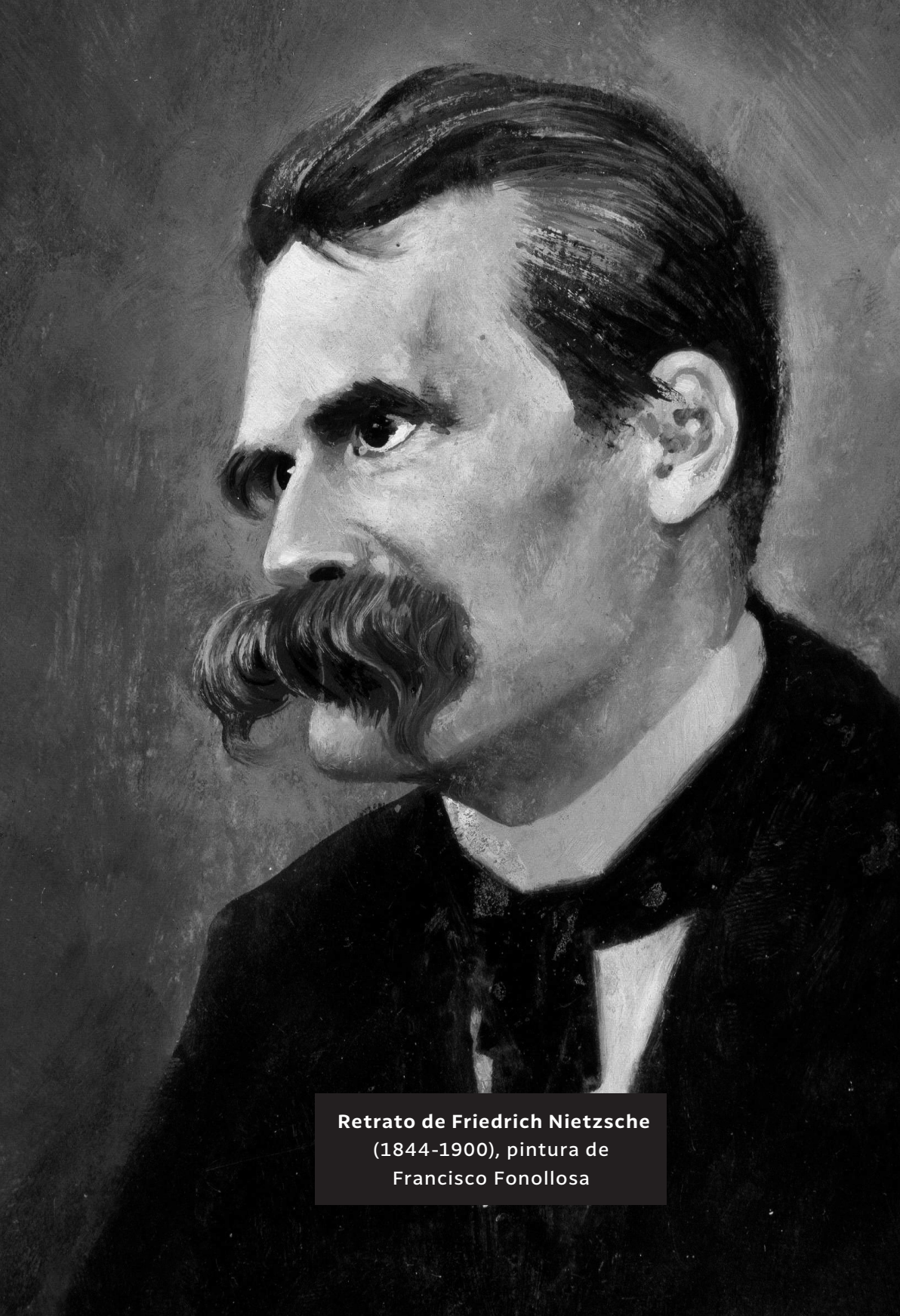
WILL DURANT

A
HISTÓRIA
DA
FILOSOFIA

A origem, formação
e pensamento dos
grandes filósofos

KANT • SCHOPENHAUER
SPENCER • NIETZSCHE
RUSSELL • ENTRE OUTROS

 FARO
EDITORIAL



Retrato de Friedrich Nietzsche
(1844-1900), pintura de
Francisco Fonollosa

2

WILL DURANT

A
HISTÓRIA
DA
FILOSOFIA

A origem, formação
e pensamento dos
grandes filósofos

Tradução
LEONARDO CASTILHONE

 FARO
EDITORIAL

PARA MINHA MULHER

*Fortaleça-se, minha companheira... que possa permanecer
Impávida quando eu não mais estiver aqui; que eu possa conhecer
Os fragmentos esparsos da minha canção
Que enfim se tornarão a mais bela melodia em você;
Que eu possa dizer ao meu coração que você entra
Quando eu saio de cena, e muito mais.*

SUMÁRIO

Ao leitor 9

Introdução: Sobre os usos da filosofia 11

CAPÍTULO 1: IMMANUEL KANT E O IDEALISMO ALEMÃO 15

- I. Estradas para Kant 15
- II. O próprio Kant 23
- III. A crítica da razão pura 27
- IV. A crítica da razão prática 37
- V. Sobre religião e razão 40
- VI. Sobre política e paz perpétua 43
- VII. Críticas e opinião 48
- VIII. Uma nota sobre Hegel 53

CAPÍTULO 2: SCHOPENHAUER 62

- I. A época 62
- II. O homem 65
- III. O mundo como ideia 71
- IV. O mundo como vontade 74
- V. O mundo como mal 85
- VI. A sabedoria da vida 93
- VII. A sabedoria da morte 102
- VIII. Críticas 106

CAPÍTULO 3: HERBERT SPENCER 113

- I. Comte e Darwin 113
- II. A evolução de Spencer 117
- III. Primeiros princípios 126
- IV. Biologia: a evolução da vida 133
- V. Psicologia: a evolução da mente 136
- VI. Sociologia: a evolução da sociedade 138
- VII. Ética: a evolução da moral 146
- VIII. Críticas 154
- IX. Conclusão 160

CAPÍTULO 4: FRIEDRICH NIETZSCHE 163

- I. A linhagem de Nietzsche 163
- II. Juventude 165
- III. Nietzsche e Wagner 169
- IV. A canção de Zaratustra 175
- V. Moralidade do herói 181
- VI. O super-homem 187
- VII. Decadência 190
- VIII. Aristocracia 194
- IX. Críticas 200
- X. Final 208

**CAPÍTULO 5: FILÓSOFOS EUROPEUS CONTEMPORÂNEOS:
BERGSON, CROCE E BERTRAND RUSSELL 210**

- I. Henri Bergson 210
- II. Benedetto Croce 229
- III. Bertrand Russell 238

**CAPÍTULO 6: FILÓSOFOS AMERICANOS CONTEMPORÂNEOS:
SANTAYANA, JAMES E DEWEY 250**

- Introdução 250
- I. George Santayana 252
- II. William James 271
- III. John Dewey 282

Conclusão 293

Glossário 295

Bibliografia 299

Notas 301

CAPÍTULO I

Immanuel Kant e o idealismo alemão



I. ESTRADAS PARA KANT

Nunca um sistema de pensamento dominou tanto uma época como a filosofia de Immanuel Kant dominou o pensamento do século XIX. Depois de quase sessenta anos de um desenvolvimento silencioso e isolado, o fantástico prussiano de Königsberg despertou o mundo de seu “sono dogmático”, em 1781, com a sua famosa *Crítica da Razão Pura*; e daquele ano até a nossa época, a “filosofia crítica” vem guiando o poleiro especulativo da Europa. A filosofia de Schopenhauer ergueu-se a um breve poder na onda romântica que irrompeu em 1848; a teoria da evolução varreu tudo o que havia antes disso, após 1859; e o estimulante iconoclasmo de Nietzsche ganhou o centro do palco filosófico quando o século chegou ao fim. Mas essas foram evoluções secundárias e superficiais; por baixo de tudo fluía a forte e contínua corrente do movimento kantiano, sempre mais ampla e mais profunda; até os nossos dias, seus teoremas essenciais são os axiomas de toda a filosofia madura. Nietzsche menospreza Kant e segue adiante.¹ Schopenhauer chama a *Crítica* de “o mais importante trabalho da literatura alemã”, e considera qualquer homem uma criança até ter compreendido Kant;² Spencer não conseguiu entender Kant, e exatamente por esse motivo ficou, talvez, um pouco aquém de sua plena estatura filosófica. Adaptando a frase de Hegel sobre Espinosa: para ser um filósofo é preciso primeiro ter sido um kantiano.

Desse modo, vamos nos tornar kantianos a partir de agora. Mas parece que isso não pode ser alcançado dessa maneira; pois em filosofia, assim como na política, a distância mais longa entre dois pontos é uma linha reta. Kant é a última pessoa no mundo que devemos ler sobre Kant. Nosso filósofo é semelhante e diferente de Jeová; ele fala através das nuvens, mas sem a iluminação do relâmpago. Desdenha de exemplos e de casos concretos; isso tornaria seu livro muito extenso, segundo ele.³ (Assim abreviado, contém cerca de oitocentas páginas.) Esperava-se que apenas filósofos profissionais o lessem; e esses não precisariam de ilustrações. No entanto, quando Kant deu o manuscrito da *Crítica* ao amigo Herz, um homem muito versado em especulações, este o devolveu lido pela metade, dizendo que temia ficar maluco se prosseguisse. O que devemos fazer com um filósofo desses?

Vamos abordá-lo com cautela e de maneira sinuosa, começando a uma distância segura e respeitosa dele; comecemos a partir de vários pontos na circunferência do assunto, e depois avançaremos tateando pelo caminho em direção àquele centro sutil, onde a mais difícil de todas as filosofias guarda secretamente seu tesouro.

1. DE VOLTAIRE A KANT

A estrada, aqui, vai da razão teórica desprovida de fé religiosa para a fé religiosa sem razão teórica. Voltaire significa Iluminismo, a *Enciclopédia* e a Era da Razão. O caloroso entusiasmo de Francis Bacon inspirou toda a Europa (exceto Rousseau) com inquestionável confiança no poder da ciência e da lógica para solucionar, por fim, todos os problemas, e ilustrar a “perfectibilidade infinita” do homem. Condorcet, na prisão, escreveu o seu *Esboço de um Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano* (1793), que exprimia a sublime confiança do século XVIII no conhecimento e na razão e não pedia outra chave para a Utopia que não fosse a educação universal. Até mesmo os sensatos alemães tinham o seu *Aufklärung*, seu racionalista, Christian Wolff, e seu promissor Lessing. E os agitados parisienses da Revolução dramatizavam essa apoteose do intelecto adorando a “Deusa da Razão” — personificada por uma encantadora senhora.

Em Espinosa, essa fé na razão gerou uma magnífica estrutura de geometria e lógica; o universo era um sistema matemático e podia ser descrito *a priori* pela pura dedução, baseando-se em axiomas aceitos. Em Hobbes, o racionalismo de Bacon se transformou em um ateísmo e um materialismo inflexíveis; uma vez mais, nada iria existir a não ser “átomos e o vazio”. De Espinosa a Diderot, os destroços da fé jazem no despertar da razão que avança: um por um, os velhos dogmas desapareceram; a catedral gótica da crença medieval, com seus detalhes encantadores e grotescos, entrou em colapso; o antigo Deus caiu de seu trono junto com os Bourbons, o céu do paraíso tornou-se um mero céu, e o inferno tornou-se uma expressão emocional. Helvetius e Holbach fizeram com que o ateísmo ficasse tão em voga nos salões da França que até o clero o adotou; e La Mettrie foi propagá-lo na Alemanha, sob os auspícios do rei da Prússia. Quando, em 1784, Lessing chocou Jacobi ao se declarar seguidor de Espinosa, aquilo foi um sinal de que a fé atingira o seu nadir e que a Razão triunfara.

David Hume, que tivera um papel tão intenso do ataque iluminista às crenças sobrenaturais, disse que quando a razão vai de encontro ao homem, este vai, em seguida, voltar-se contra ela. A fé e a esperança religiosas, expressas numa centena de milhares de campanários que se erguiam do solo da Europa em toda parte, estavam muito enraizadas nas instituições da sociedade e no coração do homem para permitirem que eles se rendessem logo ao hostil veredicto da razão; era inevitável que essa fé e essa esperança, assim condenadas, levantassem dúvidas quanto à competência do juiz e pedissem um exame racional e religioso. O que era aquele intelecto que visava por meio do silogismo a aniquilação de crenças de milhares de anos e milhões de homens? Era infalível? Ou seria um órgão humano como outro qualquer, com limites específicos quanto a suas funções e seus poderes? Chegava a hora de julgar aquele juiz, examinar aquele impiedoso Tribunal Revolucionário que dispensava com tanta prodigalidade a morte a toda esperança antiga. Era chegada a hora de uma crítica da razão.

2. DE LOCKE A KANT

O caminho para esse exame tinha sido preparado pelas obras de Locke, Berkeley e Hume; e mesmo assim, aparentemente, os resultados deles também eram hostis à religião.

John Locke (1632-1704) chegou a propor que fossem aplicados os testes e métodos indutivos de Francis Bacon; no seu grande *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1689), a razão, pela primeira vez no pensamento moderno, havia se voltado para si mesma, e a filosofia começara a examinar detalhadamente o instrumento em que confiara durante tanto tempo. Esse movimento introspectivo na filosofia evoluiu passo a passo com a ideia de introspecção desenvolvida por Richardson e Rousseau; assim como a cor sentimental e emocional de *Clarissa Harlowe* e *A Nova Heloísa* tinha sua contrapartida na exaltação filosófica do instinto e do sentimento acima do intelecto e da razão.

Como surge o conhecimento? Será que, como supõem alguns leigos, temos ideias inatas, por exemplo, de certo e errado, e Deus — ideias inerentes à mente desde o nascimento, anteriores a qualquer experiência? Teólogos ansiosos, preocupados que a crença da Divindade desaparecesse porque Deus ainda não tinha sido visto em telescópio algum, haviam pensado que a fé e os costumes poderiam ser fortalecidos se suas ideias centrais e básicas fossem mostradas como sendo inatas em toda alma normal. Mas Locke, embora fosse um bom cristão, pronto a defender com o máximo de eloquência “A Racionalidade do Cristianismo”, não aceitou essas suposições; ele anunciou, discretamente, que todo o nosso conhecimento provém da experiência e por meio de nossos sentidos — que “nada existe na mente que não tenha estado, primeiro, em nossos sentidos”. A mente é, ao nascer, uma folha em branco, uma tábula rasa; e a experiência dos sentidos escreve nela de mil maneiras, até que sensação gera memória, e memória gera ideias. Tudo isso parecia levar à surpreendente conclusão de que, já que só as coisas materiais podem afetar os nossos sentidos, só conhecemos matéria e temos que aceitar uma filosofia materialista. Se as sensações são a substância do pensamento, alegavam os apressados, a matéria deve ser a matéria-prima da mente.

De forma nenhuma, disse o bispo George Berkeley (1684-1753); essa análise lockiana do conhecimento, pelo contrário, prova que a matéria não existe, exceto como uma forma da mente. Foi uma ideia brilhante — refutar o materialismo com o simples expediente de mostrar que não temos conhecimento dessa coisa chamada matéria; em toda a Europa, só uma imaginação gaélica poderia ter concebido essa mágica metafísica. Mas vejam como é óbvio, disse o bispo: Locke não nos teria dito que todo o nosso conhecimento é derivado das sensações? Dessa forma, todo o nosso conhecimento de qualquer coisa não passa das sensações que temos dela e das ideias derivadas dessas sensações. Uma “coisa” é meramente um apanhado de percepções — isto é, sensações classificadas e interpretadas. Você protesta que o seu café da manhã é muito mais substancial do que um apanhado de percepções; e que um martelo que lhe ensina carpintaria ao bater no seu polegar tem uma materialidade muitíssimo magnífica. Mas o seu café da manhã é, a princípio, nada mais do que um amontoado de sensações de visão, olfato e tato; e depois, de paladar; e depois, de conforto e calor interno. Do mesmo modo, o martelo é um apanhado de percepções de cor, tamanho, forma, peso, tato etc.; a realidade dele para você não está na materialidade, mas nas sensações que vêm do seu polegar. Se você não tivesse sentidos, o martelo não existiria para você de nenhum jeito; ele poderia atingir seu polegar insensível sem parar e, no entanto, não merecer de você a menor atenção. É apenas um apanhado de sensações, ou um apanhado de memórias; é uma condição da mente. Toda matéria, pelo que sabemos, é uma condição mental; e a única realidade que conhecemos diretamente é a mente. Era o que se tinha a dizer sobre o materialismo.

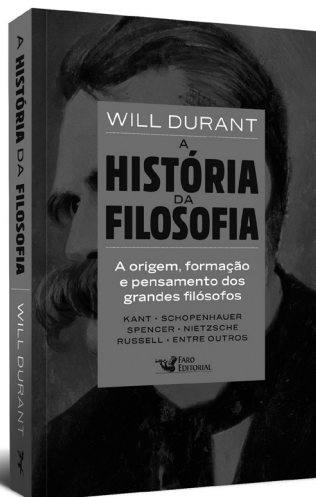
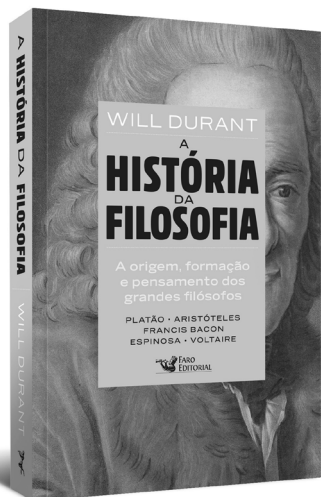
No entanto, o bispo irlandês não contara com o cético escocês. David Hume (1711-1776), aos vinte e seis anos de idade, chocou toda a cristandade com o seu altamente herético *Tratado da Natureza Humana* — um dos clássicos e uma das maravilhas da filosofia moderna. Só conhecemos a mente, disse Hume, como conhecemos a matéria: pela percepção, embora nesse caso ela seja interna. Nunca percebemos qualquer entidade como a “mente”; apenas percebemos separadamente ideias, memórias, sentimentos etc. A mente não é uma substância, um órgão

que tenha ideias; trata-se apenas de um nome abstrato para a série de ideias; as percepções, memórias e os sentimentos são a mente; não existe uma “alma” observável por trás dos processos de pensamento. O resultado parecia ser que Hume havia destruído a mente com a mesma eficiência com que Berkeley destruíra a matéria. Não sobrara nada; e a filosofia se viu em meio às ruínas que ela mesma provocara. Não nos surpreende que um bem-humorado qualquer sugerisse o abandono da controvérsia, dizendo: “*No matter, never mind.*”

Mas Hume não se contentou em destruir a religião ortodoxa ao dissipar o conceito de alma; ele se propunha, também, a destruir a ciência ao acabar com o conceito de lei. Tanto a ciência como a filosofia, desde Bruno e Galileu, vinham dando muito peso à lei natural, à “necessidade” na sequência de efeito sobre a causa; Espinosa erguera sua majestosa metafísica sobre essa orgulhosa concepção. Mas observem, disse Hume, que nunca percebemos causas, ou mesmo leis; percebemos eventos e sequências, e *inferimos* causação e necessidade; uma lei não é um decreto eterno e necessário ao qual os eventos estejam sujeitos, mas meramente um sumário mental de nossa caleidoscópica experiência; não temos garantia de que as sequências até aqui observadas reapareçam inalteradas numa experiência futura. “Lei” é um *costume* observado na sequência dos eventos; mas não há “necessidade” no costume.

Só as fórmulas matemáticas têm necessidade — só elas são inerente e invariavelmente verdadeiras; e isso só porque tais fórmulas são tautológicas — o predicado já está contido no sujeito; “ $3 \times 3 = 9$ ” só é uma eterna e necessária verdade porque “ 3×3 ” e “9” são exatamente a mesma coisa, escrita de maneira diferente; o predicado não acrescenta nada ao sujeito. A ciência, assim, deve limitar-se estritamente à matemática e ao experimento direto; não pode confiar numa dedução, não confirmada, com base em “leis”. “Quando percorremos bibliotecas convencidos desses princípios”, escreve o nosso fantástico cético, “que estragos temos que fazer! Se tomarmos nas mãos qualquer volume de metafísica escolar, por exemplo, perguntemos: ‘Ele contém qualquer raciocínio abstrato relativo à quantidade ou número?’ Não. ‘Contém qualquer raciocínio experimental relativo à questão de fato e de existência?’ Não. Então jogue-o à fogueira, pois nada contém além de sofística e ilusões”.⁴

CONFIRA OS DOIS TÍTULOS DESTA COLEÇÃO!



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. **FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2021